A EXPERIÊNCIA DE OBSERVADOR MILITAR DA ONU NO SAARA OCIDENTAL

The experience of an United Nations Military Observer in Western Sahara

Sylvio de Souza Ferreira ¹

Eduardo Xavier Ferreira Glaser Migon ²

Introdução³

A questão do Saara Ocidental constitui o caso de descolonização mais recente, duradouro e não-resolvido do continente africano, em pleno século XXI. A saída da metrópole conduzida de forma inadequada, a guerra travada entre 1976 e 1991 e a mais longa intervenção da Organização das Nações Unidas (ONU), ainda presente na África, fazem parte da história da “última colônia do mundo” (FERREIRA; MIGON, 2015). Nesse sentido, trata o presente artigo sobre o a experiência do (primeiro) autor como observador militar na Missão das Nações Unidas para o referendo no Saara Ocidental (MINURSO).

O Saara Ocidental é um território não governado, localizado na porção noroeste da África Saariana, e encontra-se sob custódia da ONU desde 1991, quando da implantação da MINURSO. Trata-se de um lugar inóspito e pouco habitável, de clima árido e temperaturas extremas que giram em torno de 50 e 60 graus Celsius no verão e baixam a 1 grau no inverno. O território possui fronteiras terrestres com o Marrocos, a Argélia e a Mauritânia e é banhado pelo Oceano Atlântico a oeste. Não obstante a área seja essencialmente desértica, há potenciais fontes de exploração econômica, tais como fosfato, minério de ferro, pesca e areia,

¹ Doutorando em Ciências Militares. Mestre em Ciências Militares (ESAO). Programa de Pós-graduação em Ciências Militares / Instituto Meira Mattos / Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (PPGCM/ECEME). Pesquisador do Laboratório de Estudos de Defesa (LED/ECEME). Foi observador militar e oficial de Estado-Maior na Missão das Nações Unidas para o Referendo no Saara Ocidental (MINURSO), entre dezembro de 2008 a dezembro de 2009. Atualmente serve no Gabinete do Comandante do Exército. Email: sylvio98@hotmail.com

² Doutor em Administração (FGV). Doutor em Ciências Militares (ECEME). Programa de Pós-graduação em Ciências Militares / Instituto Meira Mattos / Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (PPGCM/ECEME). Pesquisador do Laboratório de Estudos de Defesa (LED/ECEME), do Centro de Investigação e Desenvolvimento do Instituto Universitário Militar (Lisboa, Portugal) e do Núcleo de Estudos de Relações Internacionais (NERINT/UFRGS). Atualmente é o Comandante do 13º Regimento de Cavalaria Mecanizada (Regimento Anhanguera). Email: eduardomigon@gmail.com

³ Os autores agradecem o apoio institucional recebido no âmbito do Departamento de Pós-Graduação em Ciências Militares, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, ao mesmo tempo em que destacam que a presente comunicação de resultados é parte de esforços de pesquisa no âmbito dos projetos “A importância da África para a Segurança e Defesa do Brasil” (CNPq/Pandiá, 2014) e “Rede Nacional de Estudos Estratégicos” (Pró-Estratégia/CAPES, 2014). Conforme orientação recente da The Scientific Electronic Library Online (SCIELO/FAPESP), particulariza-se que o 1º autor participou da concepção da pesquisa, das pesquisas bibliográfica e de campo, e da redação inicial e final do artigo, enquanto o 2º autor participou da pesquisa bibliográfica, orientou, supervisionou e revisou a redação inicial e final do artigo.

além de especuladas reservas de petróleo e gás natural, o que pode motivar interesses diversos pela região (ESTRADA, 2014; POINTIER, 2004; RÉZETTE, 1975; SMITH, 2013; WHITE, 2015).

Foto 01: termômetro de um dos *Team Sites*⁴ (TS) marcando 63° C.

Fonte: os autores

Nesse contexto, a principal motivação deste artigo é comunicar a experiência no exercício da função de observador militar da ONU, sublinhando aspectos peculiares e práticos, bem como percepções no desempenho dessa função. Quanto ao recorrente debate associado à dinâmica “acadêmicos x práticos”, pretende-se que a presente comunicação tanto seja de qualidade acadêmica quanto seja de relevância prática, alcançando-se a convergência já identificada em outras áreas (BALDRIDGE; FLOYD; MARKÓCZY, 2004). Trata-se de um tema clássico de pesquisa e acredita-se que aspectos teóricos e metodológicos associados à análise da questão do Saara Ocidental tendem a ser de similar interesse para acadêmicos e práticos (GIBSON; DEADRICK, 2010). Assim, para atingir seu propósito, o artigo está dividido em cinco seções, que visam a realizar a ambientação para a questão, bem como a consecução do relato propriamente dito. Logo após a presente introdução, segue-se a exposição da base teórico-empírica, composta por uma caracterização da área e breve resumo histórico do caso. Avançando, tem-se uma breve exposição da metodologia, em seguida do que se aborda a experiência de campo na operação de paz. Em seguida, são apresentadas as considerações finais.

⁴ *Team Site* é a terminologia no idioma inglês para a base ou estação de trabalho dos Observadores Militares da ONU. No caso particular da MINURSO, os observadores moravam e trabalhavam nessas bases.

Foto 02: Aspecto de um dos *Team Sites* da MINURSO

Fonte: os autores

Base teórico-empírica

Caracterização da área

O Saara Ocidental está localizado no Maghreb, a noroeste do continente africano. Possui área de 284.000 km² e fronteiras terrestres com a Argélia (42 km), Mauritânia (1561 km) e Marrocos (442 km). Trata-se de uma região essencialmente desértica, predominantemente plana, com poucas montanhas rochosas em sua superfície, bem como dunas e regiões com areia compactada. Sua população foi estimada em 222.000 habitantes, o que não inclui a grande quantidade de refugiados nos campos localizados na Argélia: de 90.000 a 180.000. Essa população, também conhecida como saarauí, é de origem berbere, religião islâmica e possui como idiomas o espanhol, assim como, de origem árabe, o hassiânico e o marroquino. Sua expectativa de vida gira em torno de 47 anos e parte da população possui hábitos nômades (FERREIRA, MIGON, 2015; ONU, 2007).

Foto 03: Nômades saaraouis servindo chá durante uma patrulha de contato com a população.

Fonte: os autores.

No tocante aos aspectos econômicos, o Saara Ocidental não possui diversidade de recursos naturais, nem tampouco amenidades climáticas. Há rara vegetação na região e o regime pluviométrico é irregular. As atividades econômicas são basicamente relacionadas às práticas pastoris nômades, à pesca e à exploração de fosfato, sendo estas duas realizadas apenas em porção do território. Atualmente, a grande maioria das atividades econômicas se desenvolve em uma pequena quantidade de cidades na parte oeste do território, controlada pelo Marrocos (vide figura 01, à esquerda da linha vermelha), sobretudo as localizadas no litoral (FERREIRA, PEDRO MANUEL CALADO, 2012).

Figura 01: Mapa do Saara Ocidental.

Fonte: ONU, 2012.

Cabe notar que o território atual do Saara é dividido em duas porções por uma linha defensiva do exército do Marrocos, de aproximados 1500 km de extensão, também conhecida por “The Berm”, que foi

construída durante a guerra. Essa linha possui, na atualidade, 234 (duzentos e trinta e quatro) subunidades e cerca de 550 (quinhentos e cinquenta) pelotões, em posição defensiva estática, desde 1991. À oeste, fica o lado controlado pelos marroquinos; à leste, o lado controlado pelos saaraouis ou lado livre.

Foto 04: Vista aérea da “Berm”. O círculo ao centro é um núcleo defensivo de uma subunidade e um menor, mais acima na fotografia, de um pelotão.

Fonte: os autores.

A questão do Saara Ocidental: breve revisão histórica

Datam do ano de 1884 os primeiros registros da colonização espanhola nas áreas costeiras do Saara Ocidental, entre a região de Tarfaya – atual sul do território do Marrocos - e Villa Cisneros – atual cidade de Dakhla, ao sul do Saara Ocidental – situação que perdurou até o ano de 1976 (ESTRADA, 2014; SECRETARIAT OF UNITED NATIONS GENERAL ASSEMBLY, 2015; SHELLEY, 2004).

No plano político, há registros de que as fronteiras do Saara Ocidental foram confirmadas pela Espanha e pela França em 1934. No entanto, de 1956 em diante, o recém-independente Marrocos iniciou sua reivindicação do território, fato que culminou com o enfrentamento, a guerra e o impasse que perdura até os dias de hoje (RÉZETTE, 1975). Já as iniciativas de descolonização, provocadas pela Organização das Nações Unidas, datam do ano de 1965. Note-se que a condução bem planejada e, particularmente, bem negociada desse processo, àquela época, poderia ter evitado o conflito armado. No entanto, tal condução não ocorreu. A ONU declarou o Saara Ocidental um território não governado, em virtude de ainda ser uma colônia espanhola e com base na resolução 1514, segundo a qual, todos os povos teriam o direito à autodeterminação. Assim, a

⁵ Consequência, dentre outras, da criação no âmbito da ONU, em 1961, de um comitê especial para o assunto, cuja trajetória pode ser melhor vista em <http://www.un.org/en/decolonization/>

organização se posicionou a favor da descolonização e do exercício da autodeterminação do povo saaraui, o que deveria ser exercido por meio de um referendo. Na ocasião, o Rei Hassan II do Marrocos clamou à ONU a anexação da parte norte do território e à Mauritânia, a parte sul (ESTRADA, 2014; POINTIER, 2004; RUIZ MIGUEL, 2014; SHELLEY, 2004).

Paralelamente, movimentos nacionalistas saaraouis de libertação começaram a se organizar e atuar em prol da independência, como o Harakat Tahrir, surgido em 1967, e um movimento mais consistente, surgido em 1973 com lideranças efetivas, componentes político e militar bem definidos, chamado Frente para a Liberação de Saguia-el-Hamra e Río de Oro, também conhecido como Frente Polisário. A partir de então, teve início uma guerra contra a Espanha (BOUKHARI, 2004; PAZZANITA, 1994; ZOUBIR, 2010).

Em 1974, a Espanha estava em condições de realizar o referendo e preparou um recenseamento da população no território, como passo preliminar à realização da medida que aconteceria sob os auspícios da ONU. Esta pediu, então, à Corte Internacional de Justiça parecer sobre o Saara Ocidental, a qual considerou que nem Marrocos, nem a Mauritânia poderiam estabelecer qualquer vínculo de soberania do território (JANIS, 1976). Tal decisão estimulou uma reação do rei do Marrocos que, no mesmo dia, anunciou que iria liderar uma marcha “pacífica” de 350.000 marroquinos em direção ao Saara Ocidental, evento que ficou conhecido como “Marcha Verde”. Tal movimento adentrou o Saara Ocidental em 6 de novembro de 1974, apoiado pelo Exército Real Marroquino e fez com que tivesse início o conflito com a Frente Polisário. Em 14 de novembro de 1974, diante da evolução dos acontecimentos, a Espanha firmou, às pressas, o chamado Acordo de Madri, com o Marrocos e com a Mauritânia, o qual cedia dois terços do norte do território ao Marrocos e um terço do Sul à Mauritânia. Cabe destacar que tal acordo foi considerado nulo pela ONU, além de ser realizado consultando apenas parte das lideranças locais do Saara Ocidental (ESTRADA, 2014; ESTRADA; RICCI, 2012; FERREIRA, MIGON, 2015; POINTIER, 2004; ZOUBIR, 2007).

Em 1976, a guerra passou a ser travada em dupla frente pela Frente Polisário, componente político-militar do Saara Ocidental, contra as Forças Armadas do Marrocos e da Mauritânia. Esse conflito provocou um grande êxodo de refugiados para a cidade de Tindouf, na Argélia, fora do território Saaraui. Merece destaque tal movimento de refugiados, uma vez que teve grande impacto nas tentativas frustradas de recenseamento posteriores para a realização do referendo, o que se reflete até os dias de hoje (AMMOUR, 2006; ESTRADA, 2014).

Em 26 de fevereiro de 1976, a presença colonial da Espanha veio a fim. O Djemma, uma assembleia consultiva tribal subsaariana de líderes (“sheiks”), criado pelas autoridades espanholas, votou pela integração com o Marrocos e Mauritânia. No entanto, em 27 de fevereiro de 1976, um grupo formado por ex-membros do Djemma e outros sheiks pró-Polisário proclamaram a independência da República Árabe Saaraui Democrática (RASD), com os líderes da Frente Polisário nomeados para o seu governo (FERREIRA; MIGON, 2015).

A guerra continuava. Segundo Stephan e Mundy (2006), com braços e ajuda da Argélia e da Líbia, os soldados da Frente Polisário, motivados e muito bem adaptados ao terreno, lutavam contra as Forças do Marrocos e da Mauritânia. Após três anos de conflito e consideráveis derrotas e baixas no embate com as

tropas polisárias, a Mauritânia assinou um acordo de paz com a Frente Polisário, renunciando a sua suposta parte do Saara Ocidental (ESTRADA, 2014; ZOUBIR, 2007).

Durante o período 1985-1988, a ONU passou a envidar esforços mais enfáticos para solucionar a questão. Em 30 de agosto de 1988, o Marrocos e a Frente Polisário vieram a aceitar as propostas da ONU e da Organização da União Africana (OUA), no sentido de resolver o conflito (ZUNES; MUNDY, 2010). Esta resolução deveria ser alcançada por meio de um referendo, através do qual o povo do Saara Ocidental escolheria entre a independência ou a integração com Marrocos. Em 18 de junho de 1990, o Secretário-Geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, apresentou um plano ao Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), com propostas concretas para o caso, o que incluía a criação de uma missão de paz e o cessar-fogo. Ambas as partes concordaram e, em 6 de setembro de 1991, as hostilidades cessaram. Em seguida, foi criada a Missão das Nações Unidas para o referendo no Saara Ocidental (MINURSO)⁶, segundo Durch (1993), uma das missões de paz com objetivos mais ambiciosos dentre as existentes à época. A MINURSO tinha como pontos precípuos em seu mandato original a criação de condições para a realização do referendo, a sua condução propriamente dita, a garantia da consecução de seus resultados, além da fiscalização do cessar-fogo entre as partes (ESTRADA; RICCI, 2012; ONU, 1991).

Metodologia

No tocante aos aspectos epistemológicos, aponta-se a adoção da Teoria da Complexidade (MITCHELL, 2009a; WALDROP, 1992) como paradigma científico balizador da presente reflexão, em virtude da insuficiência do paradigma mecanicista para absorver a pluralidade de atores e posicionamentos acerca da questão da participação de um militar em uma missão de paz (NEWMAN, 2009). Assume-se, portanto, que a questão em apreço neste artigo constitui um sistema complexo, caracterizado por um conjunto de atores – observador militar participante, grupo de observadores brasileiros, diversos grupos de observadores estrangeiros, oficiais de Estado-Maior, partes do conflito, civis, população, família. – que interagem entre si e dão origem à dinâmica teia de relacionamentos, a qual aperfeiçoa-se, influenciando-se reciprocamente, ao longo do tempo (BOUSQUET, 2009; BYRNE, 1998; RICHARDSON; CILLIERS, 2001a; RICHARDSON; MATHIESON; CILLIERS, 2000).

Em termos metodológicos, a abordagem adotada no artigo foi exclusivamente qualitativa, que implicou na conjunção de aspectos da observação participante (KAWULICH, 2005; VALLADARES, 2007) e do estudo de caso descritivo (ZUCKER, 2009), assim como a utilização da coleta de dados a partir de levantamento estratégico de área (CASTRO, 1994; EME, 2001, p. A1–A18). Foram feitas entrevistas informais com a população da área, assim como o registro de imagens. O objetivo geral deste artigo foi, dessa forma, “apresentar a experiência como observador militar no Saara Ocidental”.

⁶ Vide <http://www.un.org/en/peacekeeping/missions/minurso/>

A experiência de observador militar no Saara Ocidental

Uma missão de paz tem início com a seleção do observador. A partir deste momento, inicia-se a preparação individual e familiar que guarda grande importância no cumprimento da missão. Cabe notar que a missão é desacompanhada e tem a duração de um ano, durante o qual o militar tem poucas oportunidades de rever a família. Por exemplo, na missão do Saara Ocidental, um observador trabalha 90 (noventa) dias ininterruptos – as atividades não param nos finais de semana – para gozar 32 (trinta e dois) dias de arejamento⁷. Tais condicionantes fazem crescer de importância, substancialmente, a condição de bem-estar que a família deve permanecer no Brasil.

Ainda na preparação, um dos fatores primordiais é o estudo de idiomas. Na área de operações da MINURSO, o idioma instrumental de trabalho é o inglês. No entanto, do lado oeste (ocupado pelo Marrocos), fala-se árabe e francês. Do lado leste (ocupado pelos saaraouis), fala-se o árabe e o espanhol. Com isso, todos os contatos com as partes do conflito eram realizados nesses idiomas, por militares nativos, ou por militares que os dominassem. Nesse contexto, merece destaque o fato que o domínio de idiomas constitui fator de liderança e de projeção no ambiente da missão. Não se refere a conhecimentos básicos, mas a saber argumentar, defender pontos de vista, utilizar terminologia típica da missão e outras habilidades mais avançadas do idioma. Ainda, esses aspectos da MINURSO dão oportunidade ao observador praticar e conhecer idiomas diferentes do inglês.

No caso específico da experiência aqui relatada houve apenas três meses de preparação, entre a designação e o embarque, o que impediu a realização do curso intensivo de idiomas no Centro de Estudos de Pessoal (CEP)⁸, em conjunção com a época do ano. Por outro lado, foi mantida a oportunidade de realizar o estágio preparatório de missões de paz, no antigo Centro de Instrução de Operações de Paz (CIOpPaz), atual Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB), que é de fundamental importância para a preparação profissional específica do militar. O estágio tem a duração de 04 (quatro) semanas, é conduzido integralmente no idioma inglês e faz uma imersão nas lides e assuntos do Observador Militar da ONU. Assuntos como o sistema ONU, patrulhas, comunicações, observação, confecção de relatórios são enfaticamente treinados, de modo que o militar saia do centro em ótimas condições iniciais de aplicar tais conhecimentos, no ambiente particular de sua missão. Na última semana dessa fase, ainda, é conduzido um exercício de campo, simulando o dia-a-dia de um observador militar em uma missão de paz, com várias oficinas específicas.

Por fim, essa fase preliminar à missão ainda requer estudo da história do caso e dos antecedentes do conflito que a motivaram, o qual também se reveste de primordial importância para o bom desempenho das funções do observador e para a segurança do indivíduo na missão. Esse estudo integra conhecimentos não só de História Militar e Geral, mas de Relações Internacionais e Geopolítica, de modo que o oficial entenda melhor todas as condicionantes que emolduram o seu futuro ambiente de trabalho, os interesses envolvidos e

⁷ O arejamento do observador da MINURSO é composto por dias de CTO (*Compensatory Time Off*), UN Leave e dias administrativos. Em média, uma viagem de saída do Saara Ocidental (do Team Site, no deserto) até o Brasil, durava 03 (três) dias.

⁸ Trata-se de uma prática comum, para militares do Exército Brasileiro, designados para cumprir missões no exterior.

os diversos atores que figuram no caso. Cabe notar, portanto, a importância de diversos conteúdos constantes da graduação em Ciências Militares para o trabalho em uma missão de paz.

Chegados os dias que antecederam o embarque, devem ser ultimados os preparativos no plano material, o que pode ser comparado ao pronto operacional de um militar para a participação em operações nos corpos de tropa. No entanto, as diferenças da preparação material para uma missão de paz em relação às ocasiões mencionadas estão ligadas, sobretudo, à duração da missão, a sua natureza e à disponibilidade de meios na área de operações. No caso do Saara Ocidental, na maioria das áreas de operações do Team Sites, não havia comércio. Aliás, não havia nada, além da base, de unidades militares das partes do conflito, muita areia, pedras e minas terrestres. Ou seja, alguns tipos de materiais deveriam ser levados em quantidade suficiente e sem previsão de reabastecimento, tais como fardas, medicamentos e itens de higiene. Assim, foram montados kits de primeiros socorros e de higiene para 90 (noventa) dias de operação. Apenas na capital Laayoune e, em algumas cidades como Dakhla, Boujdour e Smara, era possível adquirir alguns desses itens e o acesso a esses lugares seria restrito ao período inicial da missão, também chamado de in-processing⁹, e à sorte de ser designado para a única área de operações adjacente a uma vila com infraestrutura razoável – Smara.

A viagem de ida foi um momento bastante peculiar para o observador, em virtude, sobretudo, da despedida da família e de sua filha estar com 5 meses na ocasião. Ou seja, durante o ano de missão, o oficial teve a oportunidade de vê-los apenas por 03 (três) períodos. No entanto, é lícito afirmar que a base concedida pela formação da AMAN, em particular, na área atitudinal e dos valores, dentre os quais destaca-se o compromisso com a Instituição, garante que tudo dê certo. Esse deslocamento do Brasil para o Saara Ocidental durou cerca de 02 (dois) dias e pode ser descrito como uma mudança brusca, num curto espaço de tempo. Do calor do verão do Rio de Janeiro houve o embarque para a conexão em Paris, com neve e sob uma temperatura de zero grau. Após, longo período de espera, houve o embarque para Casablanca, no Marrocos, onde notou-se o primeiro choque cultural, bastante típico do ambiente multicultural que se aproximava. De lá, foi realizada a última perna do deslocamento, até a cidade de Laayoune, já na área sob a custódia da ONU, do lado marroquino da missão, sob um rigoroso inverno.

A chegada no aeroporto de Laayoune – uma estrutura fisicamente semelhante a uma rodoviária de cidade do interior do Brasil – foi marcada pela presença inesquecível de militares brasileiros, esperando a chegada do oficial, muitos dos quais, antigos companheiros da época da graduação, que o levaram para o hotel que pousavam os observadores da ONU em trânsito na cidade.

No dia seguinte, o oficial se apresentou ao Force Commander da missão, um oficial general da China, no Quartel-General da MINURSO. Tinha início ali o período chamado in-processing, que teria a duração de aproximados 10 (dez) dias e foi marcado por uma rotina intensa de briefings, procedimentos administrativos e testes, tudo com a finalidade de nivelar os indivíduos para o desempenho de suas funções na missão, fossem militares ou civis. Nessa fase, foram ministrados briefings operacionais, logísticos, aéreos, de segurança contraminas e explosivos remanescentes da guerra e administrativos. Atividades como testes de direção em

⁹ Trata-se de um período de aproximados 10 (dias) na capital Laayoune, antes da “entrada” para o deserto, que visa a fazer a ambientação do indivíduo recém-chegado à missão, por meio de uma série de instruções e testes.

área urbana e de deserto, confecção de documentos e medidas de pagamento de pessoal também foram conduzidas.

Foto 05: Apresentação ao Force Commander

Fonte: os autores.

No sétimo dia do in-processing, houve a designação para o Team Site Awsard, uma das bases da missão localizada no lado marroquino da missão, no extremo sul, na fronteira com a Mauritânia. A designação da base implicou no início de uma nova fase de estudos, naquele momento, voltados especificamente para a área de operações do Team Site. Toda constituição das tropas marroquinas da parte do conflito presente na área de responsabilidade devia ser conhecida, o que demandou muitas horas de estudo de tipos de unidades, veículos e sistemas de armas. Além de ser tudo, ou quase tudo, diferente do Brasil, as siglas foram concebidas no idioma francês, o que dificultava ainda mais a memorização. Após essa fase inicial da missão, o oficial entrou para o deserto, após uma viagem de avião, de Laayoune até Dahkla, e de helicóptero deserto adentro, até Awsard.

Foto 06: Team Site Awsard

Fonte: os autores.

A chegada e recepção no team site foram bem positivas. O comandante do era um major do Sri Lanka e a subcomandante uma major da Croácia. A liderança e a prática constante do exemplo por esses dois no trato com a equipe de aproximados vinte capitães eram fatores primordiais para o ambiente de trabalho saudável e produtivo, apesar do isolamento e da rotina de trabalho diuturna que todos viviam ali. De imediato, o oficial foi apresentado ao padrinho designado, um capitão fuzileiro naval da Argentina, que também foi de suma importância para a adaptação à nova rotina, pela camaradagem e atenção que dispensava a todo momento. Logo após a chegada, o oficial foi levado ao seu quarto, que tinha uma escrivaninha, uma porta de armário, uma cama arrumada, um aquecedor e um ar condicionado, bastante úteis nos dias de clima extremo, e algum material de limpeza. Era um alojamento bem simples, porém limpo e arrumado. O camp commandant, um oficial ganense que desempenhava o papel de encarregado do material da base, havia arrumado com muito esmero o quarto. Os banheiros eram localizados num outro ponto da base e o deslocamento até lá atravessava um pátio de areia, com eventuais visitantes - escorpiões e cobras - pelo o que, sempre se andava de tênis ou coturno na base.

Foto 07: Armário no quarto do observador.

Fonte: os autores.

Foto 08: Detalhes do quarto do observador.

Fonte: os autores.

Foto 09: Formatura no Team Site Awsard.

Fonte: os autores.

Durante a fase inicial de qualquer observador no Saara Ocidental, é conduzido o Curso de Líder no Deserto (em inglês, Patrol Leader Qualification Training), que tem a duração de seis a oito semanas. Nessa fase, o observador deve participar de patrulhas¹⁰, diariamente, evoluindo gradativamente pelas funções específicas de 2º motorista, 1º motorista, subcomandante/radio-operador/gerente de material e comandante de patrulha em treinamento¹¹. Cada fase destas dura cerca de uma a duas semanas e tem a finalidade de especializar o observador em todas as funções dentro da patrulha da MINURSO, de modo que, ao final do treinamento, possa conduzir de forma autônoma qualquer atividade na área de operações do team site. Ainda

¹⁰ A patrulha é uma atividade militar, com múltiplos propósitos, na qual se planeja e executa determinada missão a ela atribuída. Numa Operação de Paz, é por meio das patrulhas que são observados os aspectos do mandato.

¹¹ Há um comandante de fato e outro, em treinamento. Este, na prática, realiza todas as atividades atinentes ao comando; já o primeiro, supervisiona e é o responsável pelos resultados da patrulha.

durante esse treinamento, o observador concorre a escalas de oficial de serviço A e B12, bem como a de Controlador Aéreo (Air Terminal Officer ou ATO).

Foto 10: Serviço de Controlador Aéreo do Team Site (Air Terminal Officer). Neste serviço de escala, os oficiais da base deviam, além de controlar o tráfego aéreo da base, fiscalizar o cumprimento dos manifestos de pessoal e de carga, realizar os traslados do local de pouso de aeronaves até o Team Site e levantar dados meteorológicos locais, comunicando-os à tripulação da aeronave pelo rádio.

Fonte: os autores

O curso é complementado com instruções de diversos assuntos, ministradas normalmente aos sábados, que abrangiam assuntos como comunicações, Global Positioning Systems (GPS), orientação no deserto, primeiros socorros, evacuação, segurança e outros. Os observadores devem se adaptar a vários equipamentos e práticas novas, dentre as quais destacam-se a utilização de telefones satelitais, confecção de mapas e rotas de patrulha no programa Map Source, bem como download de dados para os GPS veiculares. Um dos assuntos mais importantes na MINURSO é a orientação no deserto. Desta depende a vida do observador, a integridade física dos membros da patrulha e o simples cumprimento das missões, em virtude da alta contaminação do território com minas e explosivos remanescentes da guerra. A navegação somente poderia ser realizada por trilhas de pneus na areia ou por estradas asfaltadas – na área de operações em exame havia apenas uma – e, sempre, de check point a check point. Ao sair das trilhas, os observadores corriam o risco de explodir seus veículos em minas anti pessoais ou anti carro, lançadas à época da guerra.

¹² O oficial de dia “A” fica em função de 0800h às 1700h e o “B”, de 1700h às 0800h do dia seguinte.

Foto 11: Exemplo de trilhas na areia utilizadas na orientação. Ao fundo, Devil Mountains, um dos poucos aspectos altimétricos na Área de Operações, também utilizada como check point de orientação.

Fonte: os autores

Foto 12: Acidente envolvendo um veículo do rally Paris-Dakar que não utilizou as trilhas e estradas recomendadas.

Fonte: os autores.

O curso terminava com a prova de qualificação do comandante de patrulha, que era composta de três fases: a condução de uma patrulha real, com todas as fases avaliadas, desde as ordens, preparação, execução, debriefing, apresentação dos resultados e relatório; uma prova discursiva sobre diversos aspectos da missão, constantes nos seus procedimentos operacionais padrão (as SOP ou Standard Operational Procedures); e uma entrevista com todos os integrantes do team site. Somente a partir dessa aprovação, o militar poderia conduzir patrulhas sem supervisão e concorrer aos arejamentos.

O team site tem uma estrutura semelhante a uma unidade militar, com um comandante, subcomandante, seções de pessoal (G1), inteligência (G2), operações (G3) e logística (G4). Além destas, havia uma seção de bem-estar (G5), comunicações (G6), um oficial aprovisionador (food officer), um comandante do campo (camp commandant), oficial de incêndio (fire officer), oficial do gerador (generator officer), oficial de controle aéreo (air terminal officer), oficial de manutenção (maintenance officer) e oficial de higiene (hygiene officer). O oficial, no tempo que esteve lotado em Awsard, desempenhou as funções de G1, G5, oficial de gerador e de higiene. Em particular, a função de G1 lidava com assuntos de pessoal típicos e outros, bastante sensíveis, tais como gerenciar arejamentos e coletar salários dos observadores na capital. Já a de G5, também era relativamente peculiar, pois visava a amenizar os efeitos do isolamento do deserto e proporcionar um ambiente agradável no team site. Assim, o G5 era responsável por organizar jogos, competições desportivas, a sala de musculação, os grêmios, festas de boas-vindas, despedidas, aniversários, qualificações de comandantes de patrulha, além de fazer compras na capital, uma vez por mês para os demais observadores. Desses dados, pode-se depreender que, além das rotinas diárias de patrulhas, que duram de duas horas a três dias, e dos serviços de escala, o observador tem suas responsabilidades como oficial de estado-maior da base.

Um dia típico do observador começa, por volta das 0600h. Via de regra, o próprio observador prepara seu café da manhã. Muito embora haja uma equipe de cozinha, esta somente prepara almoço e jantar para os observadores. Em seguida, assiste ou conduz a ordem à patrulha, participa da patrulha, retorna à base antes do almoço ou almoça durante a sua execução no deserto – alimentação quente ou fria, dependendo da duração da patrulha – faz a devolução do material e a manutenção nos veículos, assiste à reunião diária do team site, com a apresentação dos resultados das patrulhas de D ou D-1 e dos avisos, faz suas tarefas de estado-maior e tem seu tempo livre pela noite. Tal rotina se repete, de segunda a segunda.

As patrulhas consistem no cerne do trabalho do observador e é por meio delas, que a ONU recebe as informações do terreno. No caso da MINURSO, os observadores fiscalizam o cessar-fogo entre o Exército Real do Marrocos e a Frente Polisário, que estão fisicamente separadas pela “Berm”, descrita anteriormente, e todos aspectos desse acordo. Qualquer violação deve ser reportada, submetida à apreciação do Quartel-General (QG) da missão, em Laayoune, notificada a uma das partes e enviada a Nova Iorque, para o QG da ONU. Para tanto, cada team site conduz patrulhas das mais diversas naturezas, aéreas ou terrestres, como reconhecimento de área, de eixo, contato, ressuprimento, fiscalização de destruições, administrativas, dentre outras, com rotas pré-estabelecidas ou não, onde as unidades militares das partes do conflito são os focos da observação. O alcance das patrulhas é variável. Há patrulhas de 20 (vinte) a 1200 (mil e duzentos) quilômetros de direção na areia.

Foto 13: Patrulha de Reconhecimento aérea. No detalhe, o observador está em contato rádio com os pilotos do helicóptero, comunicando-se em inglês, e lançando observações sobre Unidades Militares do Exército do Marrocos no deserto.

Fonte: os autores

Passada a qualificação como comandante de patrulha, surge a possibilidade de concorrer a uma das vagas no estado-maior da missão, após processo seletivo que envolve provas e entrevistas. Tal medida implica numa mudança de rotina e em novos aprendizados, o que é determinante para a decisão de se candidatar para uma dessas vagas. Com isso, o oficial se candidatou à vaga de Oficial de Operações e Ligação, no Centro de Desminagem da MINURSO (Mine Action Coordination Center). Muito embora não fosse a especialidade do oficial, havia a possibilidade de ocupar essa vaga, uma vez que esse centro contava com um corpo técnico que tratava da desminagem humanitária propriamente dita e o oficial de operações e ligação deveria cuidar de gerenciar as destruições, de todo banco de dados de minas e explosivos da missão, da segurança de todos indivíduos e ser a ligação com o componente militar da missão, já que essa célula era parte do componente civil. Ao final de dois meses de estudo das normas internacionais humanitárias, tipos de minas e artefatos explosivos, técnicas de destruição, procedimentos específicos da MINURSO, o oficial passou por uma bateria de provas, concorrendo com militares de outras nacionalidades, muitos dos quais com experiências em Operações no Iraque e no Afeganistão.

Passados alguns dias, veio a notícia da seleção para a função no QG, que provocou mais uma mudança no curso da missão e criou a oportunidade de grande aprendizado para o oficial. Em virtude da cadeia de comando da missão, a nova seção era subordinada diretamente ao Representante-Especial do Secretário-Geral da ONU (SRSG), o que possibilitava, por vezes, a participação em reuniões e o contato com assuntos de níveis mais elevados da missão, tais como a interface da missão com os componentes políticos do Marrocos e do Saara Ocidental. Da mesma forma, o oficial passou a trabalhar em ligação diária com o Chefe das Operações da missão (COPO), na coordenação das atividades que tangenciavam o componente militar. Registra-se, por fim, a percepção de que os fundamentos, os valores e o ensino da graduação em Ciências Militares da AMAN

são fundamentais para o resultado no desempenho de funções inéditas e dos desafios que se punham à frente do observador.

Considerações Finais

A MINURSO constitui uma missão bastante estruturada, sistemática e permite grandes oportunidades de aprendizado para oficiais que nela servem. Desde o conhecimento de um ambiente operacional inexistente no Brasil – o deserto – à convivência com outras culturas, religiões, forças armadas e idiomas, o oficial que passa por uma missão de paz como essa retorna ao Brasil com uma ótica diferente, seja no plano pessoal, como no profissional. Trata-se de um ganho de difícil mensuração.

Em particular, merece destaque a síntese de que o aprendizado da graduação da AMAN é imprescindível para o cumprimento de missões dessa natureza, assim como a importância do auto aperfeiçoamento. Do currículo formal, citam-se assuntos como patrulha, orientação, comunicações, liderança, serviços de escala, armamento, bem como disciplinas como história geral e militar, geopolítica, relações internacionais como sendo de fundamental importância para o cumprimento da missão de observador militar.

Por fim, reserva-se especial destaque os valores e atributos desenvolvidos no decorrer da formação, como a disciplina, o comprometimento, a responsabilidade, o espírito de cumprimento de missão, a abnegação, o equilíbrio emocional, a camaradagem, dentre tantos outros, postos a teste no dia-a-dia de uma missão de paz. Em diversos momentos, faz-se uma correlação da rotina de um team site, com a rotina do cadete na graduação na AMAN.

BIBLIOGRAFIA

- AMMOUR, Laurence Aïda. *A qui profite le gel du conflit du Sahara Occidental? NATO Research Papers*. Rome (ITA): NATO Defense College, 2006.
- BALDRIDGE, David C.; FLOYD, Steven W.; MARKÓCZY, Livia. Are managers from Mars and academicians from venus? Toward an understanding of the relationship between academic quality and practical relevance. *Strategic Management Journal*, v. 25, n. 11, p. 1063–1074, 1 nov. 2004.
- BOUKHARI, Ahmed. *The international dimension of the conflict over the Western Sahara and its repercussions for a moroccan alternative*. , nº 16/2004. Madrid (ESP): Real Instituto Elcano, 2004.
- BOUSQUET, Antoine. *The Scientific Way of Warfare: Order and Chaos on the Battlefields of Modernity*. New York, NY, USA: Columbia University Press, 2009.
- BYRNE, D. *Complexity Theory and the Social Sciences: An Introduction*. London, Uk: Routledge/Taylor & Francis Group, 1998.
- CASTRO, Tiago Castro De. *Espaços Geográficos: sistemática de estudo*. Rio de Janeiro, RJ: Bibliex, 1994.
- DURCH, William J. Building on Sand: UN Peacekeeping in the Western Sahara. *International Security*, v. 17, n. 4, p. 151–171, 1993.
- EME (ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO). *Estratégia (Manual de Campanha - C 124-1)*. Brasília, DF: EGGCF, 2001.

- ESTRADA, Rodrigo Duque. Saara Ocidental: história, geopolítica e perspectivas da “última colônia”. *Caderno de Relações Internacionais*, v. 7, n. 1, p. 118–147, 2014.
- ESTRADA, Rodrigo Duque; RICCI, Carla. A Política Externa Brasileira para a questão do Saara Ocidental. 2012, Porto Alegre, RS: SEBREEI, 2012. p. 345–360.
- FERREIRA, Pedro Manuel Calado. *Sahara Ocidental: persistência e interesses de Marrocos na última colônia africana*. 2012. Disponível em: <<https://ubithesis.ubi.pt/handle/10400.6/2765>>. Acesso em: 24 set. 2015.
- FERREIRA, Sylvio Souza; MIGON, Eduardo Xavier Ferreira Glaser. A Estratégia de uma Guerra Esquecida: fundamentos estratégicos aplicados à questão do Saara Ocidental. *Política Hoje*, v. 24, n. 2, 2015.
- GELL-MANN, Murray. What is Complexity? *Complexity*, v. 1, n. 1, p. 16–19, 1995.
- GIBSON, PAMELA A.; DEADRICK, DIANA. PUBLIC ADMINISTRATION RESEARCH AND PRACTICE: ARE ACADEMICIAN AND PRACTITIONER INTERESTS DIFFERENT? *Public Administration Quarterly*, v. 34, n. 2, p. 145–168, 2010.
- JANIS, Mark W. The International Court of Justice: Advisory Opinion on the Western Sahara. *Harvard International Law Review*, v. 17, n. 3, p. 609–621, 1976.
- KAWULICH, Barbara B. Participant Observation as a Data Collection Method. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, v. 6, n. 2, 31 maio 2005. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/466>>. Acesso em: 16 jul. 2016.
- MITCHELL, M. *Complexity: A Guided Tour*. New York, NY, USA: Oxford University Press, 2009a.
- MITCHELL, Melanie. *Complexity: A Guided Tour*. New York, NY (USA): Oxford University Press, 2009b.
- PAZZANITA, Anthony G. Morocco versus Polisario: a Political Interpretation. *The Journal of Modern African Studies*, v. 32, n. 2, p. 265–278, 1994.
- POINTIER, Laurent. *Sahara Occidental: la controverse devant les Nations Unies*. Paris (FRA): Karthala, 2004.
- RÉZETTE, Robert. *Le Sahara Occidental et les frontières marocaines*. Paris (FRA): Nouvelles Editions Latines, 1975.
- RICHARDSON, K. A; CILLIERS, P. What is Complexity Science: A view from different directions. *Emergence*, v. 3, n. 1, p. 5–23, 2001a.
- RICHARDSON, K. A; MATHIESON, G.; CILLIERS, P. The Theory and Practice of Complexity Science: Epistemological Considerations for Military Operational Analysis. *SysteMexico*, v. 1, n. 1, p. 25–68, 2000. *SysteMexico*, v. 1, n. 1, p. 25–68, 2000.
- RICHARDSON, Kurt A; CILLIERS, Paul. What is Complexity Science: A view from different directions. *Emergence*, v. 3, n. 1, p. 5–23, 2001b.
- RUIZ MIGUEL, Carlos. La Causa Saharaui. *Humania del Sur: revista de Estudios Latinoamericanos, Africanos y Asiáticos*, v. 9, n. 17, p. 53–68, 2014.
- SECRETARIAT OF UNITED NATIONS GENERAL ASSEMBLY. *Western Sahara*. . New York, NY: [s.n.], 2015.
- SHELLEY, Toby. *Endgame in the Western Sahara: What future for Africa's Last Colony?* London (UK): Zed Books Ltd., 2004.
- SMITH, Jeffrey. Fishing for Self-determination: European Fisheries and Western Sahara - the case of ocean resources in Africa's last colony. In: CHIRCOP, ALDO; COFFEN-SMOUT, SCOTT; MCCONNEL, MOIRA (Org.). . *Ocean Yearbook 27*. Leiden (NED): Martinus Nijhoff Publishers, 2013. p. 267–290.

- STEPHAN, M; MUNDY, Jacob. A battlefield transformed: from guerilla resistance to mass nonviolent struggle in the Western Sahara. *Journal of Military and Strategic Studies*, v. 8, n. 3, p. 1–32, 2006.
- UN (UNITED NATIONS). *The situation concerning Western Sahara*. . United Nations: [s.n.], 1991
- UNITED NATIONS. *MINURSO Handbook*. . New York, NY (USA): [s.n.], 2007.
- VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 22, n. 63, p. 153–155, fev. 2007.
- WALDROP, M. M. *Complexity: the Emerging Science at the Edge of Order and Chaos*. New York, NY, USA: Touchstone Book, 1992.
- WHITE, Natasha. Conflict Stalemate in Morocco and Western Sahara: Natural Resources, Legitimacy and Political Recognition. *British Journal of Middle Eastern Studies*, v. 42, n. 3, p. 339–357, 2015.
- ZOUBIR, Yahia H. Stalemate in Western Sahara: Ending International Legality. *Middle East Policy*, v. XIV, n. 4, p. 158–177, 2007.
- ZOUBIR, Yahia H. The Western Sahara conflict: regional and international repercussions. *Concerned Africa Scholars*, n. 85, p. 72–77, 2010.
- ZUCKER, Donna M. Teaching research methods in the humanities and social sciences: how to do case study research. In: GARDNER, M.; KAWULICH, B.; WAGNER, C. (Org.). . *Teaching Research Methods in the Humanities and Social Sciences*. Farnham (UK): Ashgate Publishing Limited, 2009. p. 171–182.
- ZUNES, Stephen; MUNDY, Jacob. *Western Sahara: War, Nationalism and Conflict Irresolution*. Syracuse, NY (USA): Syracuse University Press, 2010.

*Recebido em 23 de outubro de 2016.
Aprovado em 25 de fevereiro de 2017.*

RESUMO

A questão do Saara Ocidental constitui o caso de descolonização mais recente, duradouro e não-resolvido do continente africano, em pleno século XXI. Trata-se de um território não-governado, localizado na porção noroeste da África Saariana e encontra-se sob custódia da ONU desde 1991, quando da implantação da MINURSO. Nesse contexto, o presente artigo tem como principal motivação comunicar a experiência no exercício da função de observador militar da ONU, sublinhando aspectos peculiares e práticos, bem como percepções no desempenho dessa função. É uma visão interna da realidade de uma Operação de Paz, do indivíduo e do profissional da Organização. Para tanto, o artigo utiliza abordagem qualitativa na metodologia empregada e aspectos da observação participante e do estudo de caso descritivo. É composto por uma introdução, que visa ambientar o leitor à questão, uma caracterização da área, uma revisão histórica do caso, uma seção de exposição da metodologia e a experiência de um dos autores como observador militar da ONU no Saara Ocidental propriamente dita. Por fim, são realizadas considerações finais na conclusão.

Palavras-clave: ONU, Operações de Paz, MINURSO, Saara Ocidental;

ABSTRACT

The Western Sahara issue is the most recent, lasting and unresolved case of decolonization in African continent, in the midst of the 21st Century. It is a non-governed territory, located in the northwest portion of Saharan Africa and it has been under UN custody since 1991, when MINURSO had been established. In this regard, this article has as main motivation to communicate the experience of an UN Military Observer, emphasizing peculiar and practical aspects, as well as perceptions in the performance of this appointment. It is an internal vision of the reality of the Peace Operation, the individual and the professional of the UN. In order to do so, this article uses a qualitative approach deploying methodologies such as participant observation and the descriptive case study. It comprises an introduction, which aims to enlighten the reader to the question, a characterization of the area, a historical review of the case, a section of exposure of the methodology and the experience of one of the authors as a UN Military Observer in the Western Sahara itself. Finally, considerations are made at the conclusion.

Key-words: UN, Peace Operations, MINURSO, Western Sahara;